



## HISTÓRIA

### 1 — SAN MARTIN

Coronel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Em Yapeyú, povoado das Missões do Paraguai, nasceu a 25 de fevereiro de 1777, José de San Martin.

Governava a provincia seu pai, o Coronel D. Juan San Martin, que, desejando que seu filho abraçasse a carreira das armas, trata logo de iniciá-lo na profissão quando vai para a Espanha. Obteve o privilégio que não era concedido com facilidade, de admitir seu filho num colégio de nobres de Madri. Ingressa assim San Martin nas fileiras do Exército como cadete de Múrcia em 1791, recebe seu batismo de fogo, na praça de Oran, na África, durante uma série de ataques dos mouros.

Em 1793, sob o comando do General Ricardos, bate-se contra as hostes de Napoleão, e dois anos depois, em 1795, quando o corso dominou a Espanha, San Martin já era suboficial.

Pelo tratado de Basiléia, as forças espanholas passam a combater contra os ingleses e San Martin toma parte em diversas ações, combatendo ao lado do grande gênio francês.

Em 1798, estando San Martin embarcado com sua tropa, recebe o batismo de fogo no mar e cai prisioneiro dos ingleses.

Vimos assim que, como aliado e adversário, esteve San Martin em contato com as idéias revolucionárias de 1789, onde os franceses proclamavam "os direitos dos homens".

Não só êle, como também toda a juventude americana na Europa viu-se sob essa influência espiritual.

Em 1801, reaparece San Martin nos campos de luta combatendo os portugueses, luta esta que terminou em 1802, pelo Tratado de Amiens.

Em 1804, encontra-se em Cadiz, como segundo capitão do Regimento Campo Maior. Aí trava conhecimento com jovens americanos, que se congregavam em torno da idéia de liberdade.

Conhece Bernardo O'Higgins, que mais tarde seria seu grande companheiro de glória.

Sabe agora da resistência imposta por Buenos Aires contra os ingleses e se enche de júbilo por sua gente.

A 15 de maio de 1811, encontra-se, na célebre batalha de Albuera, entre os franceses e as forças aliadas da Inglaterra, Espanha e Portugal. É interessante assinalar que os aliados eram aqui comandados pelo General Beresford, o mesmo que, 5 anos antes, rendera-se aos platinos em Buenos Aires. Nesta batalha, entre outros americanos que nela tomaram parte, se encontravam Carlos Alvear e José Carrera.

Após servir ao Exército espanhol pelo espaço de 21 anos, achou talvez que já pagara bem aos benefícios que este país lhe prestara.

Resolve, pois, partir para o Rio da Prata, onde lhe chamavam agora os interesses da Pátria. Combatera dezessete vezes a favor dos espanhóis e agora iria lutar contra eles.

Ruma primeiramente para a Inglaterra e lá trava conhecimentos com os americanos filiados à Loja Lantaro.

A ela se filiam, juntamente com Francisco Miranda, Simon Bolívar e Bernardo O'Higgins e presta compromisso: — "Juro ser sempre republicano e combater pelos povos livres e não reconhecer como governo de minha Pátria senão o eleito pelos seus povos".

Da Inglaterra rumo para a América do Sul, sendo recebido pelo triunvirato das Províncias Unidas do Rio da Prata, o qual lhe dá um lugar no Exército.

Tem a seu mando o "Regimento de Granaderos a Cavallo" e imprime forte disciplina a seus homens.

Seu primeiro triunfo em terra pátria foi o de San Lorenzo, contra os espanhóis, que atacavam o litoral. Recebeu como prêmio o título de Chefe das forças de Buenos Aires, mas preferiu continuar comandando seu Regimento.

Com a presença de San Martín em Buenos Aires, Alvear sentia-se ofuscado com o brilho de seu companheiro, conseguindo que aquele fôsse enviado para o Norte para substituir Belgrano.

Suas ações no Alto Peru são verdadeiras páginas de glória.

Tornando-se grande amigo de Belgrano, trata de disciplinar as forças platinas no Alto Peru.

Verificando depois, a impossibilidade de continuar a campanha, retirou-se para Córdoba, com o propósito de daí iniciar a formação de um exército, que, atravessando os Andes, fôsse pelo Chile em busca de Lima.

Pede e consegue ser nomeado governador de Cuyo e colocando-se em Mendoza fica na via de comunicações entre o Pampa e o Pacífico. Adota então a mesma tática e obtém, como já vimos, o mesmo resultado que Guilherme, o Silencioso.

As fintas que daí realizou contra o governo do Chile, a passagem dos Andes tão bem idealizada e melhor executada, os primeiros encontros em território chileno, a batalha de Chacabuco, a 12 de fevereiro

de 1818, com Las Heras, Quintana, Alvarado e Balcarce, são feitos heróicos do grande San Martin.

Seus feitos militares na América do Sul mostram que possuía uma idéia tática definida. A grande disciplina que sempre incrementou às forças que comandava e as decisões tomadas durante a campanha nos mostram que San Martin era um modificador das ações americanas, procurando sempre agir como Napoleão, perto de quem, viveu por algum tempo.

Dentro ainda de sua idéia, ruma para o Norte a fim de combater os espanhóis em seu centro de maior atividade na América do Sul.

A 20 de agosto de 1820, San Martin e Cochrane fazem vela em Valparaiso, chegando a 7 de setembro em Callao. Desembarcando neste porto, inicia San Martin as primeiras ações militares em território peruano.

O vice-rei procura contornar a situação, propondo uma reunião de emissários, a qual teve lugar em Miraflores e onde Pezuela propunha a submissão ao rei de Espanha, mas os embaixadores de San Martin mostravam o desejo de seu chefe em ver o Peru independente.

As diversas ações militares de San Martin no Peru, culminaram com a independência daquele país a 28 de julho de 1821.

Após a independência do Peru, San Martin recebe o título de Protetor do Peru e faz a sua primeira proclamação ao povo, onde declara:

“Todos os peruanos são livres, até os filhos de escravos”... Era assim que ele compreendia a liberdade.

Com a vitória de Pichincha, o prestígio de Bolívar aumenta, no Peru, e empana a San Martin; disso se aproveitam os detratores do grande argentino que o acusam até de covarde por não ter ainda conseguido bater as forças de Canterac.

A 19 de janeiro de 1822, passa o comando Supremo a Torre Tagle e declara:

— “Vou a Guaiacuil encontrar o Libertador da Colômbia.”

Ruma para o Norte, mas durante a viagem sabe que Bolívar ainda não se encontra no Equador, pois aguardava permissão do Congresso para vir ao Sul.

Volta, então, San Martin ao Peru e continua sua campanha político-militar contra os espanhóis, tendo traçado mesmo um plano de alta envergadura, que, em resumo, consistia em:

— Preparar uma força regular que, auxiliada pelo Chile ao Sul, pela Colômbia ao Norte e por Arenales nas serras peruanas, deveria bater completamente os espanhóis. Por seu lado, a Argentina fecharia a passagem dos realistas pelo Alto Peru e, assim, em 1823, as lutas em prol da independência estariam terminadas em toda a América do Sul.

Governando, por essa época, as Províncias Unidas, o Presidente Rivadávia, inimigo pessoal de San Martin, não deu a este o apoio que o mesmo necessitava, fracassando, assim, uma das partes do seu grande plano de campanha e permitindo que os realistas, batidos mais tarde, fossem canalizados para o Alto Peru.

Sabedor das idéias de San Martin, Bolívar responde que “a Colômbia prestaria ao grande chefe todo o apoio que este necessitasse.”

Ciente agora da presença de Bolívar em Guaiacuil, para lá se dirige a 11 de junho de 1822.

Durante uma festa realizada a 22 de junho, na qual tomaram parte os oficiais do Libertador e a sociedade de Guaiaguil, San Martin faz-se anunciar a Bolívar, que ficou surpreendido com o aparecimento, como por encanto, do chefe argentino.

A questão principal que os dois próceres trataram nesta conferência parece-nos que foi sobre a futura forma de governo a ser dada às novas nações e a questão da delimitação das fronteiras do Peru.

Sobre esta conferência muito se tem escrito e vários escritores (Mitre, Mackenna e Sarmiento) a ela dedicaram diversos livros.

O que é certo é que San Martin não deseja ver o Peru sob um governo popular, pois alegara que tal forma de governo seria prejudicial no momento e Bolívar, por seu lado, não quer a instituição dinástica em terras americanas.

Não podendo levar o entendimento mais além, San Martin despede-se do Libertador, oferecendo-se antes para servir como general das forças comandadas por aquêle; Bolívar, fugindo hábilmente às insinuações do sulino, coloca o Exército colombiano à sua disposição.

Para mostrarmos, em ligeiro relance, o contraste destes dois homens que diferiam em todos os aspectos, quer físico (San Martin de elevada estatura e Bolívar muito baixo) quer moral (San Martin paco e circunspecto, Bolívar amante das festas e das mulheres), lembremos uma passagem no banquete de despedida, oferecido por Bolívar.

O banquete ia em meio, quando Bolívar, erguendo sua taça, chama a atenção dos presentes e pronuncia, com sua voz autoritária, que tão bem caracterizava o seu talento apaixonado: — “Brindo pelos dois maiores homens da América do Sul, San Martin e eu”...

O povo ovaciona freneticamente o Libertador e San Martin, com sua calma característica, levantando-se declara: — “Brindo pela terminação da guerra, pela organização das novas repúblicas e pela saúde do Libertador”.

Nada mais convincente que esta declaração, para mostrar de um lado o fogo, a paixão, o talento e a ambição e do outro lado a renúncia e o cálculo sereno.

Regressa San Martin a Lima, aborrecido e decidido a tomar uma resolução suprema.

Convoca um Congresso e a 20 de setembro depõe nas mãos deste o poder.

O Congresso nomeia-o Generalíssimo. Ele aceita o título, mas não toma posse.

Embarca para o Chile, deixando uma proclamação ao povo peruano, onde declara que “estava cansado de ser apontado como aquêle que queria ser coroado”...

Escreve também a Bolívar uma memorável carta em que diz: “...Enfim, General, embarco para o Chile, convencido de que minha presença nesta terra é o verdadeiro obstáculo que impede V. Excia. a vinda ao território peruano... Não sacrificarei a causa da liberdade aos pés da Espanha”...

“Não quis, assim, abandonar sua idéia principal que consistia sempre em assegurar a independência das nações sul-americanas e estabelecer a liberdade total.

Chega no ano seguinte, 1823, no território argentino, de onde, um ano depois, se ausenta, indo residir na Europa.

Vive na Inglaterra durante vários anos e a 17 de agosto de 1850, falece, esquecido de todos e no mais completo ostracismo.